

Bons cursos, acesso restrito

Ter acesso a um ensino profissionalizante de qualidade é privilégio de poucos no país. Segundo o especialista Cláudio Moura Castro, em contraste com o ensino acadêmico, a formação profissional privilegia a qualidade, mas não consegue atender senão uma fração pequena de felizardos.

"As agências especializadas em formação profissional, como o Senai e o Senac, preocupam-se mais com seus mercados e clientes do que com o tamanho da população que poderia almejar algum tipo de treinamento", comenta Moura Castro. "Isso nada tem de errado. O que problema é que não há qualquer instância cuidando dos milhões que sobraram sem uma escola séria ou treinamento que compense a deficiência escolar".

Para o especialista, uma vez que o Ministério da Educação "já mais se interessou verdadeiramente pelo assunto" e o Ministério do Trabalho é uma instituição "frágil" que contrasta com as "fortalezas" que são os dois serviços de formação, seria bem-vindo se o Senai se ocupasse em ampliar seus horizontes.

"O Senai não pode abandonar sua vocação cinqüentenária de formar para a indústria moderna, já que não há como substituí-lo. No entanto, sem comprometer seus objetivos, a entidade deve também pensar nos que *sobraram* e criar programas menos caros, que atinjam um público compatível com a demografia brasileira".

Moura Castro propõe que o Senai adote o *modelo Mc Donalds* de proliferação, criando *franquias* de formação profissional pelo país. "Quem quisesse oferecer treinamento receberia do Senai materiais de ensino, modelos de organização, formação de instrutores, apoio no controle de qualidade, como acontece nas franquias", propõe. "Seria o *Mc Donalds* do treinamento". (E.B.)